

Um mundo “eco-lógico”: uma tematização acerca dos valores modernos de um produto cultural

Bruna Jamila de Castro¹
Moisés Alves de Oliveira²

Resumo: A produção de significados acerca da relação homem-natureza tem circulado intensamente fora das instâncias oficiais de ensino. Seja em um jornal, publicidade ou filme, observamos cada vez mais o discurso ecológico circular no âmbito “comum”, inclusive em histórias em quadrinhos (HQs) destinadas ao público infantil. Com o objetivo de tematizar acerca dos sentidos atribuídos a relação homem-natureza na atualidade, analisamos 43 edições de uma HQs da Mauricio de Sousa Produções. Do ponto de vista teórico-metodológico nos apoiamos em referenciais do campo dos Estudos Culturais nas teorizações de Latour e Bauman. A análise aponta que nos enredos destacam-se valores “eco-lógicos”: uma visão dicotômica de mundo, pautada em valores modernos.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Relação homem-natureza. Modernidade.

The world “eco-logic”: a thematization on modern values of a cultural product

Abstract: Production of meanings about the human-nature relationship has circulated intensely outside of official institutions teaching. In a newspaper, advertising or film, we observe increasingly circular ecological discourse in everyday life, including children’s comics. Aiming to thematizing about the meanings attributed to man-nature relationship today, analyzed 43 editions of Comic by Mauricio de Sousa Produções. From the theoretical and methodological point of view to support the Cultural Studies and the theorizing of Latour and Bauman. The analysis showed that the plots stand out values “eco-logical”: a dichotomous world view, based on modern values.

Keywords: Comics. Human-nature relationship. Modernity.

1Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, Brasil. brunajamila@gmail.com

2Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Textura	Canoas	v. 19 n.39	p. 73-91	jan./abr. 2017
---------	--------	------------	----------	----------------

INTRODUÇÃO

Estamos há um bom tempo experimentando uma verdadeira explosão discursiva em torno das práticas e políticas ambientais. Diariamente diversas instâncias midiáticas –filmes, desenhos animados, revistas, publicidades, telejornais e outros artefatos culturais – nos convocam a mudar nossos modos de ver, ser e estar no mundo social, nos ensinando atitudes e valores ecologicamente corretos: promover o desenvolvimento sustentável, plantar árvores, fazer uso de fontes de energia renováveis, reciclar o lixo, utilizar sacolas retornáveis, economizar água, dentre tantas outras ações. Enfim, no mundo contemporâneo os saberes referentes à Ecologia encontram-se cada vez mais dispersos, fragmentados e distantes das instituições tradicionais de controle que antes o detinham como, por exemplo, as Universidades, as instituições governamentais ou as célebres reuniões de nações.

Essa percepção, de que na contemporaneidade a produção de significações acerca de meio ambiente circula intensamente nas práticas, produções e instituições culturais que nos cercam no âmbito “comum”, isto é, no cotidiano das pessoas, nos motivou investigar Histórias em quadrinhos (HQs). Em particular focamos nossa atenção nos desenhos coloridos e personagens simpáticos das HQs do Papa-Capim, de propriedade da Mauricio de Sousa Produções, uma literatura voltada ao público infantil, que utiliza amplamente a temática ambiental em seus enredos.

Ao contarem histórias com endereçamentos dinâmicos e divertidos, estas HQs (re)produzem e perpetuam uma representação de natureza, de homem e outras tantas. Neste sentido, argumentaremos que essas HQs não são desprezíveis entretenimentos, elas ensinam sobre diversos assuntos, com enredos carregados de aventuras e heroísmos, há sempre boa dose de lições morais a serem ensinadas ao leitor. Por este viés, assumimos que elas funcionam como uma máquina centralmente envolvida na legitimação de pretensiosas verdades, que invadem nossas vidas e tentam fixar significados e hierarquizar saberes como corretos ou não, de acordo com uma forma particular de juízo, que julgamos ser moderna.

Entendemos a modernidade aqui não como um termo que designa um tempo, mas sim como um conjunto de princípios, um projeto que insere filtros disciplinares, regulamentações e prescrições que colocam em operação práticas de cisão entre natureza e cultura/sociedade, assim como outras dicotomias derivadas—sujeito e objeto, prática e teoria, humanos e não-humanos, consciência (interior) e realidade (exterior) (LATOURETTE, 1994).

Acreditamos ser importante romper com estas lógicas cristalizadas da modernidade, pois elas enaltecem o domínio do mundo das ideias, posicionando o homem moderno como superior e produtor soberano das condições que o cercam. E é neste cenário, segundo Latour (1994, p.42), que “apoiado sobre a certeza transcendental das leis da natureza, o moderno pôde criticar e desvendar, denunciar e se indignar frente às crenças irracionais e às dominações não justificadas”, desqualificando outros modos de pensar o mundo vivido.

Tendo em vista estas considerações, enunciamos este escrito como uma reflexão crítica acerca das representações da relação homem-natureza deste mundo dos quadrinhos, ao qual demos o nome de “eco-lógico”, por expressar significados acerca da relação homem-natureza atrelados ao caráter racional característico da modernidade. Para dar conta desta tarefa tomamos como base os Estudos Culturais e as teorizações acerca da modernidade do sociólogo das ciências Bruno Latour e do sociólogo Zygmunt Bauman.

A RELAÇÃO MODERNA HOMEM-NATUREZA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM

As HQs do Papa-Capim são uma publicação secundária no universo de quadrinhos da Mauricio de Sousa Produções, sendo veiculadas tradicionalmente nas HQs do Chico Bento—revistas que possuem uma tiragem de cerca de 200 a 300 mil exemplares ao mês (SOUSA, 2010). Portanto, uma literatura amplamente consumida, que está presente na vida de milhares de crianças, adolescentes e adultos.

A turma do Papa-Capim é retratada nas HQs por evocação de arquétipo do índio brasileiro em sua origem nativa, em sua pureza ontológica: são pardos, com cabelos cortados em formato de cuia, usam tangas e apetrechos “decorativos”, habitam ocas, adoram o sol e a lua, além de sempre estarem munidos com arco e flecha ou machadinhas. Contudo, o que nos chamou a atenção nestas HQs não foi essa representação essencialista de índio, massim seu forte apelo à temática ambiental, o paradigma reducionista adotado nos enredos para apresentar a relação homem-natureza, arquétipo de pensamento científico moderno, como enuncia Grün (2011, p.20, grifo do

autor), “um discurso altamente normativo de uma cultura branca e ‘limpinha’ que quer se impor a outras práticas culturais”.

Nas HQs do Papa-Capim as cenas se passam no que usualmente se configura como “o” cenário natural: uma floresta. Neste local há uma rica fauna e flora, além de uma hidrografia privilegiada, de onde os índios retiram tudo o que precisam para sua sobrevivência, de modo que a vida indígena é retratada como perfeitamente harmônica à natureza, sustentável em suas relações.

Os índios parecem funcionar como representantes diretos e ideológicos – para utilizar um termo antigo – dos ambientalistas protetores da natureza. Eles demonstram por ela uma clara relação emancipatória, racional e consciente, semelhante àquela que esteve nas bases da emergente teoria crítica do pós-guerra e que impregna o pensamento ambientalista moderno.

O protagonista dos enredos, por exemplo, um menino índio chamado Papa-Capim, é corajoso e extremamente comprometido com a proteção do meio onde vive. Pode-se dizer que ele “incorpora qualidades que seriam desejáveis encontrar em sujeitos ‘ecologicamente corretos’ – atenção, interesse, cuidado e operatividade vigilante diante do ambiente natural” (WORTMANN; RIPOLL; POSSAMAI, 2012, p.378, grifo das autoras). Os outros personagens indígenas das histórias também não ficam indiferentes quando o assunto é defender o meio ambiente, tanto Cafuné, melhor amigo do Papa-Capim; Jurema e Potira, paqueras do Papa-Capim; Pajé, o feiticeiro da tribo; quanto o Cacique Ubiraci, o líder da tribo, herói, forte e guerreiro, possuem essa “consciência ambiental”, que contrasta com as atitudes/valores do caçara³, que parece não possuir esta tal “consciência” e estão constantemente em desarmonia com o meio ambiente.

É comum vermos Papa-Capim e seus amigos se valendo de um tom de denúncia para acusar as ações do caçara, o conflito entre os índios e homens brancos é constante, os primeiros são apontados como os heróis, filhos e defensores da natureza, enquanto os segundos são os vilões, destruidores da harmonia pura e perfeita entre “nativos” e natureza. Assim, estabelecendo papéis de mocinhos e bandidos, pelas performances com que se relacionam com a natureza, podem ensinar aos leitores os modos “bons” e os “ruins” de

³O homem civilizado/urbano é denominado pelos índios nas HQs de “caçara”.

agir, legitimando nesta esteira também a identidade “ecologicamente correta” como mais adequada.

Visto que grande parte daquilo que “constitui o significado público atribuído ao ambiente, bem como do que tem sido classificado como ‘problemáticas ambientais’ recorta-se ou define-se pelas configurações atribuídas a essas problemáticas nos meios de comunicação” (WORTMANN, 2010, p.7, grifo da autora), acreditamos que problematizaras representações destas HQs e discutir a produtividade de tais artefatos para operar questões e de práticas ambientais é uma tarefa necessária.

CAMINHO INVESTIGATIVO

A presente pesquisa tem um caráter qualitativo. Selecionamos como objeto de estudo 43 edições publicadas nas HQs do Chico Bento⁴ entre os anos de 2007 e 2012. Esse recorte foi considerado por ser um marco recente na Maurício de Sousa Produções, que passou a ter maior visibilidade no âmbito internacional, ao trocar de editora no ano de 2007, da Editora Abril para a multinacional PaniniComics, responsável pela publicação e comercialização das principais histórias em quadrinhos no mercado – revistas Marvel, DC e Mangás. E também por representar de forma contundente os processos e práticas que estão circulando na atualidade quando o assunto é Educação Ambiental em uma literatura infantil.

As HQs foram analisadas em três etapas. Na primeira etapa realizamos uma leitura exploratória do material. De acordo com Gil (2002), realiza-se esse tipo de leitura como se fosse uma expedição de reconhecimento junto a um território, assim, buscamos conhecer os enredos, os personagens e os discursos referentes à relação homem-natureza de uma forma geral. Na segunda etapa elencamos as recorrências de enunciações que demarcam os discursos das HQs, ou seja, os significados de natureza, homem e mundo social que circulavam com mais força nas edições selecionadas. E na terceira etapa articulamos à análise autores que abordam a modernidade como Bauman (1998; 2003) e Latour (2000; 2001; 2002; 2004).

⁴As HQs do Papa-Capim também são veiculadas esporadicamente em HQs da Turma da Mônica e em edições especiais, mas por serem publicadas nas HQs do Chico Bento por décadas, como uma certa regularidade, optamos por essa revista.

Pode-se dizer que realizamos a análise adotando uma perspectiva culturalista que, conforme expõe Wortmann (2010), distancia-se de uma missão salvacionista, conscientizadora e libertadora, pois não tem a preocupação de criar soluções para a Educação Ambiental, mas sim em estimular o pensar, mobilizando-o para além de uma visão crítica hegemônica do campo. Tomando de empréstimo as palavras de Foucault, podemos sustentar que o tipo de análise que praticamos [...] “examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona” (FOUCAULT, 2006, p.253).

Nossa intenção, portanto, foi a de tematizar os efeitos produzidos pelos discursos das HQs quando colocados em funcionamento, isto é, olhar para estes discursos e concebê-los dentro de uma ordem mais ampla, num regime que recebe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Com isso, “questionamos e problematizamos os ditos e não quem os escreveu, pois estes ditos tomam um alcance muito maior do que a do autor. Eles produzem regimes de verdade, sistemas verdadeiros que funcionam no interior de determinada sociedade” (GARRÉ; HENNING, 2010, p.3).

Desejamos, assim, apontar que os discursos trazidos nas HQs do Papa-Capim funcionam dentro da maquinaria moderna, que o trabalho de produção e/ou reprodução do pensamento moderno é o que sustenta, por exemplo, a crença dicotômica na relação homem-natureza. Destacar que há uma materialidade, que ajuda a sustentar esse sistema de enunciados em que a natureza é um objeto, uma unidade, algo fixo, estável, imutável, “natural”, essa visão racional, que desqualifica todas as outras formas de pensar.

TEMATIZANDO O MUNDO “ECO-LÓGICO” DE PAPA-CAPIM

O mundo moderno representado nas HQs do Papa-Capim é transparente; nada de obscuro ou irracional se coloca no caminho do olhar daquele que detém o saber superior e verdadeiro; nada pode estragar a harmonia e a beleza do quadro utópico de perfeição/pureza dos modernos. O termo “eco-lógico” pode ser assim compreendido: “eco” exprime a noção de meio ambiente, vem do grego *oikos*, referente a casa/habitação; já o termo “lógico” vem do grego *lógiké* e tem relação com *termologos* que, dentre suas várias significações

ao longo da história da filosofia, parece ter estreita relação com o que hoje denominamos como razão ocidental.

Em seus primórdios o termo *Logos* denotava a palavra escrita ou falada, mas a partir de filósofos gregos, em torno do século V a.C., passou a ter um significado mais amplo, tornando-se um conceito filosófico que se opunha à ideia de mito:

[...] o mito se opõe ao *logos* do mesmo modo que a fantasia se opõe à razão. A palavra do mito se sustenta na beleza e narra; a palavra do *logos* se fundamenta em argumentos e demonstra. O *logos* não busca seduzir ou embriagar, como faz o mito, mas pretende convencer; exige a formulação de um juízo e a demonstração deste juízo a outra pessoa. Quando o *logos* é justo e, conforme a lógica, é verdadeiro; se esconde alguma coisa, então é falso. O pensamento mítico exige receptividade; o lógico exige atividade (MOSÉ, 2012, p. 94-95).

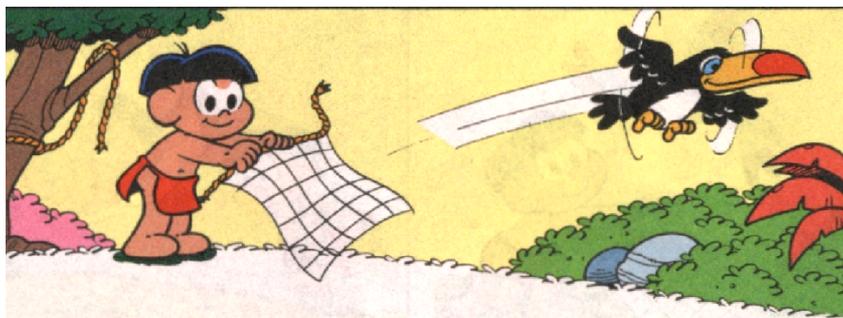
Esse modo de pensar que se iniciou com os filósofos gregos se afastou, portanto, do pensamento mítico, desligou-se de todas as condições históricas e contingentes e fundou uma nova ordem do saber, um novo modo de conceber o mundo, pautado na busca permanente de um discurso capaz de atingir a verdade, um discurso universalmente válido (CHAUÍ, 2000). Algo que veio mais tarde a se tornar a grande declaração de princípio do pensamento ocidental: a racionalidade moderna.

Em vista disso, iremos argumentar que o mundo de Papa-Capim é “ecológico”, porque ele é pautado em uma forma coerente e racional de pensar o meio ambiente, de pensar suas relações, por sua pretensão de um pensamento ordenador e categorizador da vida, de classificação do mundo, que busca definições concisas, fundamentadas em pressupostos racionais verificáveis, que “[...] nega a complexidade com a qual são constituídas as relações ecológicas, nas quais se pode buscar permutas de interesses capazes de mobilizar a EA, segundo múltiplos interesses” (OLIVEIRA, 2005, p.83).

Nos quadrinhos o ser humano – no caso o indígena – é visto como o único passível de, através da razão, coordenar e ordenar o mundo natural (GRÜN, 2011). Papa-Capim é apresentado como o ser que, dotado de racionalidade, é plenamente capaz de separar o mundo da cultura (humano) do mundo da natureza (não humano) e explicá-los de maneira objetiva. A consciência ambiental do personagem (Figura 1), de quem sabe exatamente o

que é a natureza e que relação devemos ter com esta, é a insígnia do sujeito moderno. Ele é retratado como o único em condições de compreender e refletir acerca de seus atos para com a natureza, pois possui uma “consciência” – essa noção advinda da filosofia ocidental, “de que o ser humano é constituído de um núcleo autônomo, racional, consciente e unificado, no qual se localiza a origem e o centro da ação” (SILVA, 2000, p.102). E isso lhe permitiria lidar melhor com a natureza do que o caiçara, que é retratado nas histórias como irracional, malvado e primitivo.

Figura 1 – A “consciência ambiental” do personagem Papa-Capim



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Na rede!”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.15, p.31

Os indivíduos urbanos representam, nas HQs analisadas, o que Bauman denomina de “estranhos”: são sujeitos fora-de-lugar, que não se encaixam nas categorizações elaboradas pelas narrativas modernas. Nas histórias são aqueles sujeitos que não sabem lidar com a natureza, que desconhecem as consequências que suas ações podem trazer ao meio ambiente (Figura 2). Sua crença é uma confusão do mundo natural e social, este não sabe separar a dimensão racional, lógica, as regras de conduta, da dimensão humana – que conta com instintos, interesses e sentimentos –, isto é, o caiçara tende “a obscurecer e eclipsar as linhas de fronteiras que devem ser claramente vistas” (BAUMAN, 1998, p.37). Já os índios, atuando como modernos, seriam entes especiais que, separados de todo o restante, apresentam-se plenamente capazes de saber o que importa fazer e o que importa proteger, além de compreender com exatidão a confusão desses “outros”, essa falta de racionalidade, essa ignorância (LATOURET, 2002).

Figura 2 –O caiçaraé o “estranho”,aquele que atrapalha o funcionamento da ordem imposta



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Protetores e protetoras”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.2, p.30

Esse exercício sobre o qual o homem moderno se empenha, de distinguir o que é domínio da natureza e o que é do domínio da sociedade (ação política humana), é denominado por Latour (1994) de prática de purificação. Nos quadrinhos há uma busca incessante e obsessiva pela purificação, tentando-se alocar tudo nos devidos lugares, limpar, desmantelar, fragmentar, reduzir, simplificar. Como diz Latour (1998, s/n, grifos do autor), contrariamente a esses (pré)conceitos dos ocidentais, “nem os agricultores, nem os índios da Amazônia, nem os esquimós, nem os caçadores-coletores do Kalahari vivem em ‘estreito contato com a natureza’, menos ainda ‘em simbiose’ com ela”, uma vez que são os modernos os únicos que concebem natureza como meio pelo qual podem agir.

Esse saber que o índio Papa-Capim possui de natureza age como se fosse “o” saber, um saber que mesmo sendo situado em um espaço-tempo específico atua como a única concepção válida. A atitude dos indígenas é tomada como correta/boa, enquanto o que é contingente assume a forma de engano, descaminho, falta de racionalidade. É próprio da modernidade, diz Latour (1994), negar o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautem em seus princípios. Como ressalta o autor, é característico desse modelo totalitário tratar tudo que não se encaixa na grande narrativa de purificação como fora de lugar, como podemos observar nas Figuras 3 e 4.

Figura 3–Racionalidade do índio versus irracionalidade do caçara



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “O que foi que esqueceram ali?”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: PaniniComics, 2007, n.10, p.32.

Figura 4–“Natureza” é um ideal que precisa ser diligentemente protegido contra as disparidades do caçara



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Aprendi com...”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: PaniniComics, 2010, n.63, p.29.

A dicotomia homem-natureza pode ser claramente observada, como os modernos fazem acreditar, na separação de um lado o polo social – racional/consciente do personagem Papa-Capim–e de outro o polo da natureza –transcendente e autossuficiente em si (LATOURE,1994). Em uma de suas aventuras Papa-Capim está pescando, atirando sua lança na água, ele faz isso várias vezes sem obter sucesso, até que em uma tentativa frustrada sua lança desaparece na água. Furioso, Papa-Capim mergulha no rio. No fundo ele encontra a lança e ao pegá-la se surpreende com a diversidade e harmonia de vida que há debaixo da superfície. Ele retorna do mergulho convencido de que há um tipo de harmonia sagrada que não se pode macular, o que o faz desistir de comer peixes. O aparecimento de uma moral nobre se faz evidente. Podemos tomar como uma marca do pensamento moderno esse compromisso com a verdade e com o bem (produto da ação do homem bom) para com a natureza, possível graças à sabedoria do Papa-Capim. O retorno do Papa-Capim à superfície, após ter mergulhado para recuperar sua lança, pode bem ser entendido como a escapada do escravo rumo à verdadeira luz da história do mito da caverna de Platão. Sua volta para a terra já não traz o mesmo sujeito da ação bélica, mas sim um reformado, educado e contemplativo sujeito cartesiano, ou como dito por Silva (2000, p. 14), o sujeito da “consciência crítica”, plenamente equipado para ser o “senhor soberano de suas reflexões e de seus atos” [...] trata-se, enfim, de um sujeito centrado, reflexivo e consciente. Um tipo especial de humano – sábio – que, dotado de uma fabulosa capacidade política, deteria a singular capacidade de transitar entre o polo da natureza e o polo da sociedade/política. Assim, nesta história Papa--Capim renuncia a uma base tradicional de sua alimentação – os peixes – para o bem da natureza (Figura 5), uma ação moral, tal como tantas outras quando se trata de Educação Ambiental.

É característico deste discurso almejar formar cidadãos que exerçam os valores do projeto moderno: tornar as pessoas mais humanas, conscientes e livres, sujeitos morais. Neste sentido, observa-se na história que Papa-Capim é a figura, a significação do sujeito disciplinado/ensinado, o sujeito capaz de pensar previamente sobre suas ações, de ter consciência de suas atitudes. Ao levar ao polo social os conhecimentos/leis da natureza, a fim de reformar o mundo social, Papa-Capim se torna ao mesmo tempo “salvador” e legislador – uma vez que é ele quem vai decretar o que se pode ou não fazer com a natureza (LATOURE, 2004).

Figura 5 – O sujeito “eco-lógico” é vegetariano



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Peixes”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: PaniniComics, 2011, n.53, p.25

Enfim, podemos dizer ainda que há um anseio de levar o ser humano a um plano mais alto, novo e supostamente melhor, uma ideia de revolução, de um rompimento com um passado ultrapassado (LATOURE, 2002). É manifesta nos enredos a hostilidade à tradição, uma forte marca da modernidade. Almeja-se libertar o homem da escuridão e, assim, emancipá-lo da selvageria da ordem anterior. Deve-se superar as práticas arcaicas não condizentes com o momento vivenciado, o da “era verde”. Deste modo, a falta de racionalidade estaria no passado, enquanto a limpeza, a ordem, a clareza das relações para com a fauna e a flora estariam no futuro. No mundo “eco-lógico” de Papa-Capim não há

espaço para as concepções que não se encaixam na lógica da purificação moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazermos a análise destas Histórias em quadrinhos esperamos ter apontado que seus enredos colocam em circulação, tal como as instâncias oficiais de ensino, uma série de ensinamentos. De forma alegre e dinâmica as histórias do índio Papa-Capim e sua turma engendram um *modus cognoscendi* característico do pensamento moderno.

É observável nos enredos esta vontade de impor ordem à vida que segue desordenada, de instituir um modo lógico de pensar a questão ambiental, colocando em lados opostos “Natureza” e “Homem”. Neste mundo “ecológico”, a primeira entidade é apresentada como “o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, a qual segue vivendo como autônoma e independente da interação com o mundo cultural humano” (CARVALHO, 2008, p.35). Algo extirpado da existência humana, que pode ser apropriado e aprimorado pelo homem, uma realidade longínqua e dominada que supostamente não conta com nossa subjetividade ou interesses (LATOURETTE, 2004). Já a segunda entidade, o homem, é essencialmente representativo, coerente, ativo, consciente, submetível aos princípios de identidade universal.

Essa dicotomia contribui, como se pode notar na análise, para justificar a dominação dos homens entre si e destes sobre a natureza. Insistentemente o personagem Papa-Capim surge na figura heroica do sábio, aquele que, por viver em perfeita harmonia e integração com a natureza, relacionando-se intimamente com seus segredos, possuiria um saber superior a respeito do assunto, uma visão mais “rica” que o caçador, e isso lhe permitiria e/ou autorizaria trazer a luz (verdade) para os que se encontram na escuridão da ignorância – no caso, não apenas o caçador, mas também o leitor.

As HQs seriam, nesse vislumbre, um espaço em que se deseja civilizar, moralizar as pessoas, nos libertar da menoridade/ignorância quanto às relações com a natureza. Aqueles que se adaptam ao plano moderno são considerados bondosos, conscientes, responsáveis, puros. Os que não se adaptam são marcados negativamente como perversos, impuros, primitivos e/ou ignorantes. Neste sentido, podemos argumentar que existe um mecanismo de seleção, que

lança para as periferias concepções culturalmente diferentes, simplesmente porque não partilham da lógica da “interpretação dominante”.

Não podemos perder de vista, como argumenta Guimarães (2008, p.87), que “os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos”. E que nossos modos de pensar o mundo são advindos de negociações que vamos estabelecendo com os significados que nos interpelam cotidianamente nos diversos espaços culturais. Defendemos, portanto, que as HQs do Papa-Capim são um texto cultural importante a ser problematizado, pois são muito mais do que singelas fontes de divertimento para crianças e adultos. Seus enredos autorizam determinada representação de homem, natureza, etnia, gênero, infância –apesar destas últimas não terem sido exploradas neste texto. E a partir dos significados atribuídos a estas instâncias, se hierarquiza conhecimentos, valoriza-se certas habilidades, certa estirpe de sujeito e suas respectivas formas de pensar as questões ambientais, caracterizando, assim, estas HQs como uma potente pedagogia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2008.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. O campo de saber da pedagogia: problematizando algumas verdades educacionais. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., Londrina, Anais...Londrina: Editora da UEL, 2010. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Curriculo_e_Saberes/Trabalho/07_49_44_O_CAMPO_DE_SABER_DA_PEDAGOGIA.pdf

[IA PROBLEMATIZANDO ALGUMAS VERDADES EDUCACIONAIS.PDF](#)>. Acesso em: 30 out. 2016.

GIL, A. C. Como delinear uma pesquisa bibliográfica? In: GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papirus, 2011.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. *Inter-ação*, Goiânia, v. 33, p. 89-112, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/%20interacao/article/view/4244/4174>>. Acesso em: 30 out. 2016.

LATOURETTE, B. *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. O exótico homem das cidades. *Folha UOL*. São Paulo, 12 de abril de 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs12049803.htm>>. Acesso em: 30 out. 2016.

_____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *Reflexão sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.

MOSÉ, V. *O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

OLIVEIRA, M. A. A construção dos enunciados ambientais no currículo na perspectiva da vontade de verdade. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 26, p. 71-86, 2005. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3798/3055>>. Acesso em: 30out. 2016.

SILVA, T. T. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUSA, M. Entrevista concedida a Fabio Maleronka Ferron e Georgia Nicolau. *Projeto Produção Cultural no Brasil*, São Paulo, 09 jun. 2010.

WORTMANN, M.L. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI, H. e SILVA, P.R.G.C. (Org.). *Contribuições à Educação Ambiental*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-37.

WORTMANN, M. L. C.; RIPOLL, D.; POSSAMAI, L. Educação ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonalta do Discovery Kids. *Perspectiva*, Florianópolis, v.30, n.2, p.371-394, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p371/23326>>. Acesso em: 30out. 2016.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ANALISADAS

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Papa-Capim: a água está longe ou perto demais? In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.47, p.48-55.

_____. Papa-Capim e Cafuné: A boca de Tupã. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.19, p.26-32.

_____. Papa-Capim: Aprendi com... In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2012. n.63, p.23-29.

_____. Papa-Capim: Câmeras In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.39, p.36-39.

_____. Papa-Capim: Cari Capenga. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2012. n.66, p.47-55.

_____. Papa-Capim: Clica e captura. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.50, p.46-53.

_____. Papa-Capim: Colchão de molas. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.12, p.51-56.

_____. Papa-Capim: Corra, que vem coisa aí!! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.42, p.41-46.

_____. Papa-Capim: De que bicho é mesmo? In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.38, p.13-16.

_____. Papa-Capim: Debaixo de cada árvore. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.49, p.22-25.

_____. Papa-Capim: Descendo a ladeira. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.08, p.36-40.

_____. Papa-Capim: Estilingue. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2012. n.62, p.32-33.

_____. Papa-Capim: Flechada não! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.51, p.54-56.

_____. Papa-Capim: Indecisão sempre acaba em confusão. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2012. n.64, p.38-45.

_____. Papa-Capim: Na rede! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.15, p.30-32.

_____. Papa-Capim: Não assusta, vai! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.34, p.16-22.

_____. Papa-Capim: Numa tribo distante. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.26, p.25-29.

_____. Papa-Capim: Onças-pintadas e não-pintadas. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.03, p.38-45.

_____. Papa-Capim: O homenzinho. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.13, p.37-40.

_____. Papa-Capim: Peixes. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.53, p.22-25.

_____. Papa-Capim: Protetores e protetoras. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.02, p.27-30.

_____. Papa-Capim: Quero fazer alguma coisa melhor do que você! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.28, p.40-50.

_____. Papa-Capim: Olha nós na fita! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.43, p.40-55.

_____. Papa-Capim: O que vier pela frente! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.07, p.44-46.

_____. Papa-Capim: O segredo do cacique In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.21, p.48-55.

_____. Papa-Capim: Tá me seguindo por quê? In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.27, p.41-49.

_____. Papa-Capim: Tem uma cara muito feia lá fora! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.52, p.44-50.

_____. Papa-Capim: Uma flor combina com que? In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.54, p.48-51.

_____. Papa-Capim: Uma lua para Potira! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.46, p.24-29.

_____. Papa-Capim: Vara de pesca. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.01, p.30-33.

_____. Papa-Capim: Não é um bicho, não! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.06, p.20-24.

_____. Papa-Capim: O que foi que esqueceram ali? In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.10, p.28-32.

_____. Papa-Capim: Os gritadores. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2007. n.09, p.44-51.

_____. Papa-Capim: Pena é pra quê?! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.14, p.50-54.

_____. Papa-Capim: Pesca. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2012. n.65, p.58.

_____. Papa-Capim: Pintura de guerra. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2008. n.24, p.30-32.

_____. Papa-Capim: Pra cima...pra baixo. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.60, p.22-27.

_____. Papa-Capim: Se a canoa não virar. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2010. n.45, p.45-51.

_____. Papa-Capim: “sem título”. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.59, p.57.

_____. Papa-Capim: Olha o que fizemos com a árvore que caiu! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.25, p.30-33.

_____. Papa-Capim: Um passeio de barco. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.30, p.38-43.

_____. Papa-Capim: Viram! Então, fuja! In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2011. n.56, p.37-41.

_____. Papa-Capim: Você viu, não viu? In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: PaniniComics, 2009. n.35, p.51-56.

Recebido em 31/10/2016
Aprovado em 14/12/2016